

DRAMATURGIAS EMERGENTES

VOLUME UM

Antes dos Lagartos, Pedro Eiras
Arte da Guerra, Fernando Moreira
Balancé, Ângela Marks
Dorme Devagar, João Tuna
O Espantalho Teso, Jorge Loureiro Figueira

5

cadernos **Dramat**

3,00 €

JAZZ

REVISTA DE CRÍTICA DE ARTE





DRAMATURGIAS EMERGENTES I

ANTES DOS LAGARTOS

ARTE DA GUERRA

BALANCÉ

DORME DEVAGAR

O ESPANTALHO TESO

DRAMATURGIAS EMERGENTES II

FAROL

OS NOMES QUE FALTAM

O PARQUE DOS PIQUENIQUES

STORMY WEATHER

O VIOLINO DO AVÔ AFRICANO

Antes dos Lagartos

Pedro Eiras

Arte da Guerra

Fernando Moreira

Balancé

Ângela Marks

Dorme Devagar

João Tuna

O Espantalho Teso

Jorge Louraço Figueira

Centro de Dramaturgias Contemporâneas – Porto

Livros Cotovia – Lisboa

Antes dos Lusos
Rebeldes

Antes da Guerra
Feroz e Inimiga

Batalhas
Nas Montanhas

Homens e Deuses
Jogo de Forças

O Espantalho 1500
Jogo de Forças e Fúria

Título: *Dramaturgias Emergentes I*
© Autores e Edições Cotovia, Lda., Lisboa 2001

ISBN 972-795-016-7

Índice

Advertência Preliminar, <i>Antônio Mercado</i>	p. 7
Antes dos Lagartos, <i>Pedro Eiras</i>	11
Arte da Guerra, <i>Fernando Moreira</i>	59
Balancé, <i>Ângela Marks</i>	115
Dorme Devagar, <i>João Tuna</i>	163
O Espantalho Teso, <i>Jorge Loureiro Figueira</i>	193

Advertência Preliminar

Para que o leitor possa avaliar adequadamente as peças reunidas nestes volumes (números 5 e 6 dos Cadernos Dramat), convém mencionar o contexto em que foram criadas. Em Outubro de 1999, o DRAMAT — Centro de Dramaturgias Contemporâneas do Teatro Nacional de São João deu início, no Teatro Rivoli do Porto, a uma oficina de escrita teatral destinada a um pequeno grupo de autores iniciantes. Alguns deles eram muito jovens, outros nem tanto; alguns estavam ligados ao meio teatral, outros à academia, à docência ou à investigação científica em áreas diversas; poucos eram os que tinham uma ou outra peça encenada ou publicada, muitos os que sonhavam tê-las, ou que as mantinham guardadas nas gavetas.

A generosidade com que o DRAMAT apostou na formação de novos autores de teatro em Portugal encontra sólido apoio na doutrina e na crítica, que tradicionalmente atribuem à dramaturgia um papel de relevo na complexidade do fenómeno teatral. Alain Defrange chega mesmo a afirmar que

No teatro não há revolução, nem mesmo verdadeira mudança, senão ao nível das obras. Nunca uma inovação de ordem cénica, por mais válida que seja, transforma verdadeiramente a arte dramática; no melhor dos casos, ela participa numa perturbação em cuja origem está a obra escrita, e só ela. Não obstante o que penseem hoje em dia numerosos encenadores, não existem grandes datas na história do teatro a não ser as da aparição das grandes obras.

(*Théâtre Populaire*, 51)

Mas nesta época em que o palco parece bastar-se a si mesmo e a “autoria” ganha novos contornos, o texto dramático — com as suas personagens, situações, atmosferas e ritmos — será ainda capaz de oferecer estímulos válidos para o trabalho do encenador e dos actores? O primado da encenação não terá tornado anacrónica aquela exaltação à força seminal da dramaturgia? Poderemos buscar nos textos um ímpeto renovador da linguagem cénica? Haverá ainda na ficção dramática algum secreto poder que nos instigue a expandir os horizontes da significação, a desvendar relações inexploradas, a percorrer insuspeitos desvãos da experiência individual e colectiva? O que têm a dizer, sobre tudo isto, os novos autores de teatro em Portugal?

Em parte, foi para tentar esclarecer algumas destas questões que o DRAMAT investiu na sua Oficina de Escrita. Se alguma resposta havia, seriam os novos autores a encontrá-la — e para isso precisavam de tempo. A oficina, originalmente concebida para durar seis meses, acabou por estender-se por mais dois. O trabalho foi organizado em sucessivos módulos presenciais, no intervalo dos quais os autores escreviam e reescreviam gradualmente as suas peças, comunicando-se entre si e com o orientador por via postal ou pela Internet.

ANTES DOS LAGARTOS

PEDRO EIRAS

Para um amigo dedicado e generoso: António Mercado.

Que Igu e Livra estejam sempre contigo!

“No que concerne o estado afectivo característico da angústia, julgamos conhecer a impressão primitiva que ele reproduz, repetindo-a. Consideramos que não pode ser senão o *nascimento*, isto é, aquele acto em que se encontram reunidas todas as sensações de sofrimento e todas as sensações corporais cujo conjunto se tornou como que o protótipo do efeito produzido por um grave perigo e que experimentamos, ao longo do tempo, como estado de angústia. Foi o enorme aumento de irritação, consequência da interrupção de renovação do sangue (da respiração interna), que causou naquele momento a sensação de angústia: assim, a primeira angústia foi de natureza tóxica. O nome *angústia* (do latim *angustiae*, estreiteza; *Angst* em alemão) sublinha precisamente o incómodo, a estreiteza da respiração que resultava daquela situação real e que se repete hoje regularmente no estado afectivo. Consideraremos também significativo que este primeiro estado de angústia seja provocado pela separação entre a mãe e a criança. Pensamos, naturalmente, que a predisposição para a repetição deste primeiro estado de angústia foi de tal forma incorporada no organismo, ao longo de um número incalculável de gerações, que nenhum indivíduo pode escapar a este estado afectivo, nem que fosse, como o lendário Macduff, ‘arrancado das entranhas da sua mãe’, isto é, nem que tivesse vindo ao mundo sem ser por nascimento natural. Ignoramos qual possa ser o protótipo do estado de angústia dos animais não-mamíferos. Pela mesma razão ignoramos também o conjunto de sensações que corresponde, nestes animais, à nossa angústia.”

SIGMUND FREUD, *Introdução à Psicanálise*, 1916¹

¹ Traduzo da seguinte versão francesa: *Introduction à la Psychanalyse*, cap. 25, “L’angoisse”, Paris, Payot, Petite Bibliothèque Payot, 6, 1973, págs. 373-374.

PERSONAGENS

TRAMA

BICHO NU

CENÁRIO

Interior de um apartamento minúsculo. Porta de saída para o hall do andar. Porta do quarto de banho. Janela que dá para a rua; mas apenas se vê um muro do outro lado. Ruído de carros, longínquo: a rua está muitos metros abaixo, o andar é alto. Kitchnet de um lado, com o frigorífico visível. Lareira. Nos cantos, uma cama, cinzeiros, jornais, revistas, um baú velho. Desarrumação, sujidade. Paredes nuas. Apenas, num lado, um cartaz, onde Trama e Bicho Nu sorriem, mascarados de lagartos (as máscaras devem deixar ver as caras). Por cima, em letras vermelho-sangue, o cartaz diz: "Lagartinho e Lagartão"; em baixo, a branco, "Hoje". Os sorrisos metem medo. No outro lado, um mapa-múndi, com vários punaises de cor a assinalarem a Gronelândia, a Antárctida e caminhos através do Canadá, da Sibéria, do Chile, da Austrália. O mapa está mal pregado, um tanto oblíquo em relação ao chão. Um sofá de veludo vermelho coçado no centro da sala: sensual, mas na andropausa. Uma mesinha frágil com um telefone branco. Na kitchnet, copos e pratos por lavar.

Acto I

Quando o público entra na sala, Bicho Nu já está sentado no sofá, de frente para a plateia, na contra-luz. Vestido normalmente. Não se mexe. Parece sozinho. A contra-luz impede o público de ver a cara de Bicho Nu. Pouca luz vinda da janela: crepúsculo. Foco sobre Bicho Nu, penumbra no resto do palco. Bicho Nu tem uma só pata de lagarto calçada num dos pés.

BICHO NU (*representando, em falsete; mas berrando alto demais*) Ó Lagarto-Lagartão! Aonde vais com tanta pressa? Comer ratos ou ratinhos? Comer gatos e os filhinhos? Aonde vais que ninguém vê? À volta do mundo, e ninguém vê! Vais pràqui vais práli, e ninguém vê! Ui ui tanta patinha! Corres corres ninguém te apanha! Ui ui grande caudinha! A dar a dar no meio da terra, a dar a dar no fim do mundo! Aonde vais com tanta pressa? Aaa... com tanta pressa... (*Enganou-se. Repete:*)... a dar a dar no fim do mundo! Tu não páras um segundo! Tens uma língua que é como um fio, tens uma cauda que é como um navio, tens uns colhões... Cala-te ó boca, não digas tu palavrões! Lagarto-Lagartão! Lagarto-Lagartão... (*Não se lembra. Lembra-se de repente:*) Crianças, criancinhas! Que lagartão é este, tão enfronhado, tão de meter medo a toda a gente? É o meu compadre Lagartão das sete mil léguas, que corre e trepa e corre e trepa sem parar. Vou-vos contar um segredo. Sabeis que quer o mafarrico? Ir à toca mais funda, onde se escondem os sapinhos... (*Riso escarninho. Uma cabeça de lagarto, de perfil, começa a surgir por trás do sofá, ao nível da cabeça de Bicho Nu. É levantada e animada pela mão de Trama, ainda invisível.*) Pois quer, aí pois quer descobrir as tocas escuras, as tocas mais frias... (*Riso.*) Mete medo ao pesadelo, até o diabo se assusta, e vive numa toca tão escura, tão escura, tão escura... (*Esqueceu-se. Lembra-se:*)... que nem ele sabe como sai de lá para fora. Tem garras verdinhas, tem orelhas mais verdinhas, tem uns olhitos que brilham no escuro, e come... come... (*Bloqueia. Fica perturbado, de olhos esbugalhados.*)

TRAMA (*invisível, atrás do sofá. A voz soa impaciente*) Coelhoinhos!

BICHO NU (*Para Trama, em tom normal, virando-se:*) Desculpa. (*De frente para o público, em falsete:*) Coelhoinhos! Olha, olha, lá vai ele, com uma orelhinha na boca! Olha, olha, lá vai ele, com uma patinha no canto da beíça! Agora uma toupeirita para digestivo... (*Tom normal:*) Não. (*Falsete:*) Olha lá vai... tem umas garrinhas verdinhas... (*Pausa. Não se lembra.*)

TRAMA (*ainda mais impaciente*) Vou-lhe dar uma patinha...

BICHO NU (*Para Trama, em tom normal:*) É isso. Desculpa. (*De frente, em falsete; nervoso:*) Vou-lhe dar uma patinha para procurar... Vou-lhe... (*Não se lembra.*)

Trama levanta-se, furioso, de trás do sofá. Vestido normalmente. Com a máscara de lagarto na mão. A luz sobe na sala.

TRAMA Essa cabeça é um saco roto? Não tens maneira de aprender?

BICHO NU Desculpa...

TRAMA Desculpa nada! Deixas-me sempre ficar mal! Chegas a meio, o lagarto come-te a língua. E eu que me desenrasque!

BICHO NU Não é por querer...

TRAMA *(nem o ouve)* Ficas a olhar para a canalha como um parvalhão! E eu que improvise, enquanto sua excelência se lembra das deixas. Até um miúdo aprendia esse papel! Tens é má vontade! Olha, quem fica mal és tu! E já agora, escusas de fazer essa cara! Estou até aqui! *(Gesto. Bicho Nu amua, não responde. Trama começa lentamente a perder a fúria, por não obter resposta.)* Não saber de cor meia dúzia de falas! Colas isso com cuspo? A culpa é minha, quem me manda aturar-te? Outro tipo qualquer punha-te na rua. Há quanto tempo estamos nisto, dez anos? Vinte? Cem? Vai para o diabo! *(Ao mesmo tempo, muito depressa, vai até à kitchnet, abre a torneira, enche um copo com água, tira duas pedras de gelo do congelador, deita-as na água, bebe às goladas, faz uma careta. Ainda com o gelo na boca:)* Queres? *(Bicho Nu não responde. Trama recita em tom melodramático, virado para a máscara de lagarto que segura na mão:)* Ser ou não ser... ó Lagartão!... *(Move a cabeça de lagarto como se ela tivesse vida própria; durante o diálogo, a máscara deve parecer atenta às palavras de Trama e Bicho Nu, olhando-os.)* Deixa-te de amuos! Queres água?

BICHO NU *(cabisbaixo, olhando a pata de lagarto no pé)* Quero.

TRAMA *(com pedras de gelo na mão)* Duas pedras?

BICHO NU Uma.

TRAMA *(prepara o copo, mas sem pousar a máscara de lagarto. Suspirando)* Ai, Bicho Nu!

BICHO NU Trama, acho que a minha pata encolheu.

TRAMA Isso não encolhe! É plástico.

BICHO NU Parece mais uma fibra.

TRAMA Encolhe lá! Não a lavaste, não?

BICHO NU Não.